

## **As perdas que perpetuam na vida de uma mulher: análise da obra *O peso do pássaro morto* (2017) de Aline Bei**

**The Losses That Persist in a Woman's Life: An Analysis of *The Weight of the Dead Bird* (2017) by Aline Bei**

**Aline Rodrigues Araújo Laurindo<sup>1</sup>  
Alessandra Fonseca de Moraes<sup>2</sup>**

84

**Resumo:** O presente estudo realiza uma análise crítica da obra literária *O Peso do Pássaro Morto* (2017), de Aline Bei, explorando a representação da mulher na sociedade contemporânea e temas relacionados, como morte, violência, maternidade e relacionamentos. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, tendo como embasamento teórico autores/as como Simone de Beauvoir, Silvia Federici e Sigmund Freud. O objetivo principal é examinar como a protagonista da obra lida com perdas e traumas, especialmente no contexto de sua percepção enquanto mulher na sociedade. A pesquisa interdisciplinar, que integra literatura, psicologia e estudos de gênero, enriquece a análise, oferecendo percepções sobre as complexidades das narrativas femininas na literatura contemporânea.

**Palavras-chave:** Literatura. Aline Bei. Feminino. Contemporâneo. Social

**Abstract:** This study presents a critical analysis of the literary work *The Weight of the Dead Bird* (2017), by Aline Bei, examining the representation of women in contemporary society and related themes such as death, violence, motherhood, and interpersonal relationships. The research adopts a qualitative approach and is theoretically grounded in authors such as Simone de Beauvoir, Silvia Federici, and Sigmund Freud. The main objective is to investigate how the protagonist deals with losses and traumas, particularly regarding her self-perception as a woman in society. This interdisciplinary inquiry, which integrates literature, psychology, and gender studies, enriches the analysis by providing insights into the complexities of female narratives in contemporary literature.

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Letras – Português e Inglês pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Unidade Divinópolis. E-mail: aline.1695958@discente.uemg.br

<sup>2</sup> Doutora em Letras – Literaturas de Língua Portuguesa pela PUC-Minas, BH; professora do Departamento de Letras da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) – Campus de Divinópolis. E-mail: afm2203@yahoo.com.br

**Recebido em: 08 /11/2025**

**Aprovado em: 17/12/2025**

**Sistema de Avaliação: Double Blind Review**



**Keywords:** Literature. Aline Bei. Feminine. Contemporary. Social.

## Introdução

A literatura contemporânea feminina tem emergido como uma voz poderosa e multifacetada, destacando-se pela complexidade de suas narrativas e pela profundidade de suas análises sobre a experiência relacionada à mulher. Neste contexto, o presente artigo se propõe a analisar a obra *O Peso do Pássaro Morto* (2017) de Aline Bei, estabelecendo conexões com a teoria psicanalítica de Freud em *Luto e Melancolia* (1974), além de incorporar perspectivas feministas presentes em *Calibã e a Bruxa: Mulheres, Corpo e Acumulação Primitiva* (2023) de Silvia Federici e em *O Segundo Sexo: Fatos e Mitos* (1980) de Simone de Beauvoir. Esta análise busca iluminar a dominação dos corpos femininos e suas intersecções com o contexto social, refletindo sobre perdas significantes à luz das teorias mencionadas.

A escolha de Bei (2017) justifica-se por sua relevância contemporânea e por abordar temas cruciais como relacionamentos, saúde mental, violência e resiliência feminina. A obra oferece um rico campo de exploração interdisciplinar, possibilitando incorporar elementos da literatura, sociologia, psicologia e estudos de gênero. O foco em temas como a fragilidade feminina e a construção das perdas da protagonista permite uma abordagem abrangente e crítica, que dialoga profundamente com a sociedade atual.

A análise da obra de Bei é particularmente relevante por sua representação sincera e não romantizada da maternidade e das relações humanas. A narrativa expõe as complexidades dos traumas vividos pela personagem e como essas experiências refletem e intensificam as barreiras emocionais e sociais. Este retrato contribui para uma reflexão mais profunda sobre a experiência feminina e os desafios enfrentados no âmbito familiar e social.

O artigo fundamenta-se nas teorias de Simone de Beauvoir e Silvia Federici para contextualizar e enriquecer a análise da narrativa. Beauvoir (1980), fornece uma compreensão detalhada da construção social e histórica da condição feminina, enquanto Federici (2023), explora a dominação histórica do corpo feminino e suas relações com o desenvolvimento do capitalismo. Essas teorias são essenciais para compreender as experiências da protagonista em relação à opressão de gênero e à busca por autonomia.

Destaca-se que a análise será fundamentada em textos do feminismo branco, especificamente nas obras de Beauvoir e Federici, embora a narrativa não forneça uma

descrição física explícita da protagonista, nem revele seu nome. A escolha dessas teorias reflete tanto a perspectiva das autoras deste estudo, enquanto mulheres brancas, quanto a relevância intrínseca dessas teorias para a obra analisada.

A teoria de Freud (1974) é essencial, pois explora os processos mentais inconscientes relacionados ao luto e à melancolia, fornecendo uma base teórica para entender as emoções e interações humanas complexas presentes na obra. Ressaltamos que, ao utilizar a teoria psicanalítica de Freud, não se pretende fazer uma análise da personagem em si, mas sim empregá-la para auxiliar na compreensão das dimensões emocionais e psicológicas das perdas sofridas pela protagonista.

O objetivo deste artigo é analisar criticamente como as perdas vivenciadas pela protagonista moldam sua identidade e influenciam suas perspectivas e relacionamentos. A abordagem metodológica será qualitativa, caracterizada como pesquisa descritiva. A análise incluirá uma revisão das teorias mencionadas a partir da investigação de passagens específicas da narrativa que abordam as perdas da personagem.

A pesquisa busca responder à pergunta orientadora: “Como as perdas vivenciadas pela protagonista moldaram sua identidade e influenciaram suas perspectivas e relacionamentos?” Este questionamento norteia a análise, permitindo uma exploração profunda das dimensões emocionais e psicológicas da personagem, bem como das normas de gênero e expectativas sociais que impactam a experiência feminina.

Em resumo, este artigo pretende oferecer uma análise crítica da obra de Bei (2017), destacando a importância do tema feminino na sociedade contemporânea. Ao explorar a interseção entre literatura, psicologia e estudos de gênero, a pesquisa contribui para uma compreensão mais profunda das complexidades das narrativas femininas, fornecendo novos *insights* sobre a fragilidade, resiliência e opressão vivenciadas pelas mulheres.

### **Uma breve contextualização**

Antes de adentrarmos na análise da obra, é essencial realizar uma breve contextualização do enredo narrativo. Esta abordagem objetiva fornecer uma compreensão preliminar aos leitores não familiarizados com a obra, permitindo que compreendam os elementos fundamentais que serão explorados ao longo da análise subsequente.

A escritora Aline Bei, nascida em São Paulo no ano de 1987, é graduada em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e em Artes Cênicas pelo Teatro-Escola Célia Helena. Seu primeiro romance, intitulado *O Peso do Pássaro Morto* (2017), recebeu o Prêmio São Paulo de Literatura e o Prêmio Toca e foi finalista do Prêmio Rio de Literatura.

A narrativa acompanha a vida da protagonista desde os seus 8 anos até a idade adulta, abordando suas experiências marcantes e as perdas significativas que moldam sua jornada. No início, somos apresentados à sua infância, onde ela enfrenta a morte de uma amizade, a construção e perda de sua fé. Aos 17 anos, ela enfrenta um trauma brutal, perdendo o controle sobre seu próprio corpo após uma agressão sexual. O impacto desse evento a acompanha na idade adulta, refletindo-se em sua dificuldade de estabelecer vínculos emocionais, especialmente com seu filho. A luta contínua da protagonista para superar as dores do passado e se reconectar com seu filho é permeada por uma profunda melancolia e solidão, culminando em uma jornada emocionalmente complexa.

A obra adota uma narrativa predominantemente em primeira pessoa, protagonizada e narrada por uma personagem cujo nome e características físicas são mantidos em sigilo. A linguagem utilizada assemelha-se à oralidade, marcada por uma prosa poética com espaçamentos e palavras que evocam diversas sensações ao longo da leitura.

Dividido em capítulos, o livro fragmenta a história em fases específicas da vida da personagem, explorando temas como relações familiares, amizades, luto, abuso sexual, aspirações e maternidade, todos relevantes para a experiência feminina, levando o leitor a acompanhar a trajetória de um corpo marcado por perdas, atravessado pelas violências e dores silenciadas.

Na capa do livro, são visíveis números nas laterais, correspondentes às idades apresentadas nos capítulos que simbolizam a passagem do tempo na vida da narradora/protagonista. Além disso, destaca-se o contraste entre a posição do título da obra e a fonte utilizada, uma fonte “pesada” sobre linhas finas, evocando o imaginário que convida o leitor a refletir visualmente sobre a sensação de “peso” do pássaro morto, simbolicamente o peso da morte, ou da vida.

A narrativa há espaços vazios entre as palavras, palavras soltas e variações na formatação dos nomes. Essa escrita fragmentada pode ser interpretada como uma expressão do desespero em comunicar algo, resultando em uma quebra de padrões linguísticos. Essas

características refletem o silêncio da protagonista, que guarda para si seus traumas e experiências, manifestando assim uma urgência em compartilhá-los.

A alternância entre passado e presente em certos pontos na narrativa, juntamente com os traumas enfrentados pela personagem, contribuem para certa desconexão temporal. Os espaços vazios podem representar momentos de respiro, silêncio, reflexão ou introspecção da protagonista, convidando o leitor a acompanhar e revisitar no seu silêncio as dores e faltas no decorrer do relato.

Além disso, a presença do sinal de “mais” (+) após alguns acontecimentos e pensamentos, sugere uma continuidade na estória, indicando que há mais por vir. Essa marcação, no entanto, não está presente após o último capítulo, intitulado “póstumo”, reforçando a interpretação de que não há mais nada a seguir. Esses jogos com as palavras, espaços vazios e sinais convidam o leitor a uma dança pelas páginas durante a leitura.

É essencial ressaltar que a autora é uma mulher brasileira, e sua obra não apenas reflete, mas também oferece uma visão contemporânea e crítica das relações femininas, tanto em âmbito pessoal quanto social. Ao explorar os relacionamentos retratados na obra, somos confrontados com uma representação direta e realista, que destaca questões ainda consideradas tabus na sociedade atual. A autora aborda temas como o diálogo com crianças sobre a morte, experiências de violência sexual e a vivência da maternidade solo. Esses temas sensíveis são apresentados de forma corajosa e autêntica, proporcionando uma reflexão profunda sobre as complexidades da vida contemporânea.

Através da análise desses temas, buscamos não apenas compreender a experiência individual da protagonista, mas também examinar como esses aspectos se entrelaçam com os padrões sociais e culturais mais amplos. Portanto, nossa pesquisa visa não apenas expandir o conhecimento existente, mas também contribuir para um diálogo mais amplo sobre questões fundamentais para a compreensão da sociedade atual e das vivências das mulheres.

### **Perda na infância: “A cura não existe” (Bei, 2017, p. 35)**

A narrativa se inicia no capítulo intitulado “aos 8”, onde a narradora nos guia pelos eventos de sua infância, abordando suas crenças, dinâmica familiar e interações no ambiente escolar. Nesse período, destacamos a importância da figura do *seu* Luís, marido de Dona Rosa e vizinho da família. É para a casa de *seu* Luís que a mãe da protagonista a leva, como a própria



narradora coloca, em caso de dor de garganta e ela sempre está com dor de garganta, já que ele “é Benze dor” (Bei, 2017, p. 7). A protagonista explica o significado de ser um benzedor, para sua amiga, demonstrando ter fé no poder do curandeiro,

-é uma pessoa  
Que arruma qualquer coisa dentro da gente sem precisar  
abrir com faca. (Bei, 2017, p.12)

É na casa de seu vizinho que a protagonista tem contato uma imagem de Jesus Cristo no presépio que “se recusa” em ficar na manjedoura, o que a leva a chamá-lo de *deusinho teimoso*. Além disso, *seu Luís* é ele o único adulto que oferece respostas sinceras e necessárias para a menina, nesse momento da narrativa. Consideramos o curandeiro, de forma simbólica, como a representação da crença da protagonista na infância.

A partir de seus pensamentos, a narradora/protagonista nos guia em questionamentos as suas próprias crenças, depois de descobrir que *seu Luís* tem catarata, e que por isso “a pessoa vai deixando de ver o mundo” (Bei, 2017, p. 14), ela reflete sobre qual a razão de ele não se curar, se é capaz de benzer tudo. Nesse trecho da narrativa, também é perceptível que a personagem já possui um certo sentimento de apatia com a vida, quebrando a expectativa que é criada, por se tratar de uma história narrada do ponto de vista de uma criança de 8 anos, na qual normalmente se cria o imaginário de uma visão positiva do que está ao redor,

por que não benzer o olho morto pra voltar normal?  
Será que ele prefere não ver?  
imaginar o mundo  
deve ser mais bonito mesmo. (Bei, 2017, p. 14)

É notável que a narradora/protagonista já possui uma dificuldade em desenvolver amizades com seus amigos de escola, demonstrando ser, desde então, um sujeito condenado a introspecção e ao isolamento. Essa distância é ainda mais clara ao ter seu primeiro contato com a morte, através do falecimento da sua única amiga Carla, cuja a vida é abruptamente interrompida em acidente fatal no qual foi atacada e morta por um cachorro. A morte da amiga é descoberta após o anúncio do diretor da escola, e já percebemos o impacto que é causado, descrevendo o peso das palavras que escutou da voz do diretor comparando-a como “um piano caindo em mim” (Bei, 2017, p. 18). Demonstrando dificuldade em compreender verdadeiramente o significado da morte, a protagonista se vê então sozinha e confusa, ela espera inutilmente pelo retorno da amiga,

a carla morreu  
e eu não sabia exatamente o que isso significava.  
perguntei como,  
os adultos fizeram

silêncio.  
 (...) pensei que a carla voltaria quando cansasse de morrer e imitaria as borboletas no pátio pro meu medo passar.  
 Fiquei esperando. (Bei, 2017, p. 18-19, grifo nosso)

Na passagem mencionada, também se nota não apenas a dificuldade dos adultos em lidar com a curiosidade infantil, mas também a capacidade das crianças de transcender as expectativas dos mais velhos, revelando aspectos mais profundos e complexos da vida, como a questão da finitude. A percepção infantil muitas vezes lança luz sobre temas difíceis de serem abordados pelos adultos, como a morte. Mais adiante, a protagonista questiona sua mãe sobre o que seria morrer,

na escola  
 em casa  
 na cozinha  
 perguntei pra minha mãe:  
 – *o que é morrer?*  
 ela estava fritando bife pro almoço.  
 – *o bife é morrer, porque morrer é não poder mais escolher o que farão com a sua carne. quando estamos vivos, muitas vezes também não escolhemos. mas tentamos.*  
 almoçamos a morte e foi calado. (Bei, 2017, p. 20-21)

Neste trecho, é válido refletir não apenas sobre como os vazios permitem que o leitor aguarde pela mudança de espaço e tempo em movimento, mas também contemple o vazio deixado pela ausência. O silêncio que se segue à pergunta não apenas destaca a falta de resposta imediata, mas também simboliza a lacuna deixada pela morte de Carla na vida da protagonista. Ao longo da narrativa, esses vazios são retomados em momentos-chave, convidando o leitor a revisitar não apenas o evento em si, mas também as emoções e reflexões que surgiram a partir dele. Esses espaços vazios na narrativa não são apenas lacunas a serem preenchidas, mas sim oportunidades para contemplar o significado mais amplo da perda e do luto na vida da narradora.

Recorrendo ao *seu* Luís em busca de respostas sobre o que aconteceu com Carla, a protagonista descobre que a amiga subiu no muro para ver o “bicho mais bruto do bairro” (Bei,

2017, p. 24) e acabou sendo atacada. Na sua inocência, a protagonista pede então ao benzedeiro que a curasse, ao dizer que não sabe como deter a morte, ela questiona novamente sua crença naquela figura de curandeiro, confrontada com a irrevogabilidade da morte,

a sala ficou um Luto  
de barulho  
só as panelas no fogão  
olhei perdida pro seu luís,  
ele não parecia mais tão sabido.  
parecia um velho  
Triste  
esquecido de tudo.  
(...)  
pensei que o seu luís consertava o Mundo, (Bei, 2017, p. 25)

Chamamos atenção aqui para o uso da palavra “luto”, um processo que se inicia após a protagonista compreender a irreversibilidade da morte. Segundo Freud (1974), o luto caracteriza-se essencialmente como “a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante” (Freud, 1974, p. 275). O luto não é uma condição patológica e, portanto, não requer intervenção médica. Trata-se de uma situação superável com o tempo, na qual não há necessidade de interferência externa. Durante o luto, o respeito pela realidade persiste e, embora seja um processo lento e doloroso, uma vez concluído, o ego se desprende do objeto novamente, recuperando sua liberdade e desinibição.

Na cena em que a protagonista descobre o falecimento de *seu* Luís, ao tentar visitá-lo e não ser atendida na casa do vizinho, percebemos uma interseção de significados simbólicos através dos espaços em branco na narrativa. Esses espaços vazios, mais uma vez, não apenas refletem a ausência de respostas imediatas da personagem, mas também representam a espera angustiante e a incerteza que acompanham a descoberta de uma perda. Ao utilizar esses espaços em branco, a autora abre espaço para o leitor refletir não apenas sobre a história em si, mas também sobre os próprios espaços vazios em que a vida e a narrativa se encontram.

A falta de uma resposta imediata por parte da mãe reflete não apenas sua própria angústia e hesitação em abordar o assunto, mas também a complexidade de lidar com questões de mortalidade e perda em um contexto familiar,

Toquei o sino,

(nada)

Bati na porta



( )

Virei a maçaneta,

(trancada)

Voltei pra casa chamando mãe,  
-cadê o seu luís?

Ela não tinha me contado nada porque  
Acho que era muita morte pra eu saber de uma vez só. (Bei, 2017, p. 44 e 45)

Após a morte de Carla, a narradora/protagonista muda de escola, e mais uma vez percebemos que a personagem permanece fechada, como expresso quando afirma: “amigos na escola nova eu não tinha nenhum” (Bei, 2017, p. 35).

Distante, cheia de questionamentos e vítima de *bullying*, acaba perdendo assim a ingenuidade da infância, como coloca Esteves e Coqueiro (2020), o peso de estar vivo a atinge muito cedo e as consequências dessas mortes a acompanham até a idade adulta. Além das perdas mencionadas, a protagonista enfrenta situações comuns da infância, como o primeiro amor, que rapidamente, acaba se tornando sua primeira decepção amorosa.

A imagem das perdas na infância, principalmente de Carla são relembradas ao longo de toda a narrativa, evidenciando a dificuldade em lidar com o luto e com a dor da perda. Isso resulta em seu isolamento enquanto criança e no desenvolvimento de uma visão melancólica sobre a vida. Essa perspectiva é perceptível em várias passagens, como quando ela decide intitular uma resenha escolar como “A cura não existe” (Bei, 2017, p. 35). Esse título reflete sua crescente decepção e desesperança, influenciadas pela ausência de Carla e pelas experiências traumáticas que ela enfrentou desde pouca idade.

**Perda do controle do próprio corpo: “Quando alguém tocou a campainha” (Bei, 2017, p. 57)**

No capítulo intitulado “aos 17”, a narrativa aborda brevemente o fim da adolescência da protagonista, somos guiados pelos pensamentos de uma jovem que está descobrindo sua sexualidade, entendendo seu corpo. Ela é convidada por sua amiga Paula para assistir ao seu

primeiro show de rock. Logo no início, somos apresentados ao Pedro, o rapaz por quem a narradora nutre uma paixão profunda.

Acompanhamos, então, a protagonista no referido show de rock, onde ela se diverte com sua amiga Paula. Durante o evento, um homem se aproxima das garotas e, no calor do momento, os três acabam se beijando. Havia conhecidos de seu colégio no show, e um deles acabou tirando uma foto do momento e mostrou para Pedro. Pedro, ao ver a foto, gritou, socou o ar e ofendeu a narradora de várias maneiras. Para piorar a situação, os colegas de escola começaram a fazer bullying com Pedro e direcionando várias ofensas à narradora, enchendo-a de ódio e vontade de reagir, mas ela permaneceu inerte, mais uma vez.

Ela então começa a se isolar novamente, trancando-se no quarto após o colégio e deixando de se alimentar. Sua mãe, sem saber o que realmente aconteceu, supõe que se trata apenas da dor do término: “mas é culpa mãe” (Bei, 2017, p. 54). No entanto, a protagonista não revela a verdade, temendo que sua mãe não a apoiasse se soubesse dos detalhes.

Em uma sexta-feira à noite, enquanto seus pais saem para comer pizza, a protagonista opta por ficar em casa. Durante esse tempo sozinha, ela reflete sobre o relacionamento amoroso dos pais, observando como eles estão e comparando com o seu próprio estado emocional. Ela percebe a diferença entre a estabilidade que seus pais parecem ter e a turbulência que ela mesma enfrenta. Ao refletir sobre o amor que seus pais compartilham, ela reflete sobre a aparente simplicidade e alegria que vê nos pais e agarra à esperança de que um dia também possa experimentar um amor que a faça sentir-se segura e completa.

estavam  
timidamente alegres no amor deles de anos, era  
bonito ser sexta-feira e estar casado, espero que  
um dia faça sexta  
no meu amor. (Bei, 2017, p. 56)

A introspecção dessa noite é um momento crucial na narrativa, pois revela a profundidade de suas emoções e a complexidade de seu estado psicológico. A protagonista não apenas enfrenta a dor e a culpa do presente, mas também luta com a incerteza do futuro, tornando-se um retrato vivo das dificuldades emocionais que muitas mulheres enfrentam ao lidar com traumas e a busca por amor e aceitação. Assim, a passagem ilustra a batalha interna da protagonista entre o isolamento autoimposto e o desejo de conexão humana, oferecendo uma visão poderosa sobre a fragilidade e a resiliência feminina. Ao explorar essa introspecção, o texto proporciona uma reflexão profunda sobre as complexidades das relações humanas e o impacto duradouro das experiências traumáticas.

A protagonista opta por passar a noite em casa assistindo ao filme “Ana e os Lobos” (1973). Neste contexto, é pertinente ressaltar o simbolismo dessa escolha cinematográfica. O enredo do filme gira em torno de uma mulher que aceita um emprego em uma mansão isolada, onde é submetida a uma série de assédios, violências e abusos por parte dos homens da casa, culminando em sua morte. Essa trama guarda uma analogia com os desafios e perigos que a própria personagem enfrentará, destacando as ameaças que a cercam devido à sua vulnerabilidade. Ao ser interrompida pelo som da campainha, a narradora é surpreendida pela visita de Pedro, que expressa o desejo de conversar. Essa visita inesperada marca um momento crucial na narrativa, sugerindo uma possível reviravolta na trama e colocando em foco a dinâmica entre a protagonista e Pedro.

Aliviada por encontra-lo aparentemente calmo, a protagonista abre a porta para recebê-lo. Contudo, para sua surpresa e horror, Pedro está segurando uma faca. Neste momento, a protagonista se torna vítima de um dos traumas mais intensos e aterrorizantes que uma mulher pode enfrentar: a perda do controle sobre o próprio corpo. Em um surto de fúria desencadeado pela descoberta de uma suposta “traição”, o ex-affair da protagonista a agride brutalmente. Essa passagem se destaca como um dos momentos mais bárbaros da narrativa,

tinha 1 Faca  
 que colou no meu  
 pescoço.  
 meu grito  
 morreu no estômago  
 junto com o chute que ele me deu.  
 caí sem acreditar naquele Pedro que  
 arrancou o meu  
 vestido, o contato  
 rente da Faca (...)  
 entre a reza e o pulo escolhi  
 ficar dura  
 e estranhamente pronta  
 pra morrer.  
 foi quando o xixi  
 me escorreu  
 as pernas. (...)

vomitei

o Pedro,  
 ria (Bei, 2017, p. 58-59)

Nesse momento retornaremos a um episódio da infância narrado pela protagonista, quando, ao frequentar uma nova escola, ela decide comprar um par de tênis igual ao de sua colega de turma Ana, uma das garotas populares. No entanto, ao usar os mesmos tênis, a

protagonista é alvo de risos e zombarias por parte dos colegas. Eles formam uma roda ao redor dela, rindo e gritando que seus tênis eram cópia,

pensei que morreria igual a carla, será que aquilo  
era morrer?  
minha calça ficou  
Molhada, calça cinza de moletom virando escura  
comecei a ouvir risadas mais altas e um:  
*-ela se Mijou!* (Bei, 2017, p.30)

A presença recorrente da urina como elemento simbólico nos momentos de humilhação e trauma na vida da protagonista transcende a mera descrição física dos eventos. Essa escolha detalhada de palavras e a descrição das cenas servem para intensificar a mensagem subjacente de violência e desamparo, transmitindo de forma vívida a sensação de injustiça e impotência que a narradora experimenta. Ao evocar a presença da urina e dos risos dos outros personagens, o texto mergulha o leitor em um ambiente de vergonha e humilhação, tanto na infância quanto na adolescência da personagem.

É interessante notar como, em ambos os momentos, há uma associação direta entre a sensação de morte ou de resignação perante a morte e a presença da urina, destacando a perda de controle sobre sua própria existência. Ao explorar essa temática, o texto lança luz sobre a noção de uma morte simbólica da personagem, onde a falta de controle sobre seu próprio corpo a deixa à mercê das circunstâncias externas.

O verbo “vomitei”, inserido entre espaços vazios, ressoa como um eco dessa perda de controle e da imobilidade emocional experimentada pela protagonista diante da violência e da humilhação. O ato não apenas descreve um evento físico, mas também reflete a incapacidade da personagem de reagir ou resistir à violência que está sofrendo. Essa imobilidade emocional é uma faceta crucial da experiência da protagonista, que se vê incapaz de se defender ou se proteger diante das agressões que enfrenta.

Acabou  
e eu  
melada O chão  
de ardósia O Pedro  
subiu as calças  
virou as costas  
e saiu. (Bei, 2017, p. 60)

O entendimento do papel do abuso dentro da obra em questão é enriquecido por meio da análise de duas teorias fundamentais. Primeiramente Beauvoir (1980) introduz o conceito central do “Outro”, representando a forma como as mulheres são frequentemente definidas em

relação aos homens, como uma categoria separada, subordinada e, muitas vezes, inferiorizada, “A sociedade sempre foi masculina; o poder político sempre esteve nas mãos do homens” (Beauvoir, 1980, p. 91), desde o início da humanidade “o privilégio biológico permitiu aos homens afirmarem-se sozinhos como sujeitos soberanos” (Beauvoir, 1980, p. 97), o homem então se torna o “centro” da sociedade, e a mulher, sendo diferente do homem se torna o “Outro”, e “o lugar da mulher na sociedade é sempre eles quem estabelecem. Em nenhuma época ela impôs sua própria lei” (Beauvoir, 1980, p. 98).

Essa noção é essencial para a compreensão da construção social e existencial da feminilidade. Beauvoir argumenta que as mulheres são comumente percebidas como o “Outro”, em contraposição ao “Um” associado aos homens, colocando-as em uma posição de subordinação, influenciando como são percebidas e tratadas. Simone de Beauvoir (1980, p. 57) destaca que “A sujeição da mulher à espécie, os limites de suas capacidades individuais são fatos de extrema importância; o corpo da mulher é um dos elementos essenciais da situação que ela ocupa no mundo”.

A condição de “Outro” molda a identidade das mulheres desde a infância, influenciando as expectativas que recaem sobre elas ao longo da vida “(...) a mulher, como o homem, é seu corpo, mas seu corpo não é ela, é outra coisa” (Beauvoir, 1980, p. 49). A autora destaca a dependência econômica das mulheres em relação aos homens como um aspecto crucial da opressão feminina, restringindo escolhas e oportunidades, observa-se, “o falo assume tão grande valor porque simboliza a soberania que se realiza em outros campos” (Beauvoir, 1980, p. 69).

Federici (2023) explora a interseção entre a opressão das mulheres e as práticas de controle social e econômico, especialmente no contexto do desenvolvimento do capitalismo. Ela analisa como o corpo feminino foi alvo de formas sistemáticas de dominação ao longo da história, especialmente durante o período da caça às bruxas na Europa. Federici argumenta que essas perseguições foram uma estratégia para despojar as mulheres de sua autonomia e saberes, consolidando o controle sobre seus corpos e as formas de produção e reprodução.

A perseguição às mulheres consideradas bruxas durante esse período histórico foi uma tentativa de suprimir qualquer forma de resistência feminina contra as condições opressivas da época. A análise de Federici destaca como o corpo feminino tornou-se um local de exploração e controle, refletindo as dinâmicas complexas entre patriarcado, capitalismo e a experiência histórica das mulheres,



(...) uma mulher sexualmente ativa constituía um perigo público, uma ameaça à ordem social, já que subvertia o sentido de responsabilidade dos homens e sua capacidade de autocontrole. Para que as mulheres não arruinassem moralmente – ou, o que era mais importante, financeiramente – os homens, a sexualidade feminina tinha que ser exorcizada. Isso se alcançava por meio da tortura, da morte na fogueira, assim como pelos interrogatórios meticulosos a que as bruxas foram submetidas, que eram uma mistura de exorcismo sexual e estupro psicológico. (Federici, 2023, p. 351)

O conceito delineado no texto de Federici evoca os ideais historicamente arraigados desde os períodos de colonização e inquisição, particularmente no contexto Brasil colônia, onde a dominação do corpo feminino era considerada de suma importância. Tais convicções foram importadas da Europa, onde a liderança feminina era frequentemente reprimida. Nesse contexto histórico, as mulheres eram percebidas como figuras que necessitavam ser silenciadas e modeladas para se conformarem aos papéis de esposas obedientes, recatadas e dedicadas ao lar. Estes estereótipos persistem ainda hoje em nosso imaginário coletivo.

O personagem de Pedro, na obra, manifesta um ego ferido, exercendo controle sobre a sexualidade da narradora como forma de punição pela sua suposta “traição”. Ele assume o controle do corpo da protagonista de maneira brutal e violenta, utilizando o falo como símbolo de poder sobre ela. Esse episódio reflete a dinâmica de dominação e controle presente nas relações de gênero, reforçando a subordinação das mulheres.

### **Trauma e maternidade: “A flor que brota no peito” (Bei, 2017, p. 64)**

No capítulo “aos 18”, o nascimento do filho da protagonista é um evento que, sob o imaginário social, deveria ser um momento de alegria e renovação. No entanto, a narrativa da protagonista está imbuída de uma profunda melancolia e uma constante reflexão sobre a dor e a violência, que contrastam fortemente com a felicidade esperada em tal ocasião.

Mesmo diante de momentos que poderiam ser vistos como positivos, como o som reconfortante de uma gaita, a mente da protagonista se volta repetidamente para pensamentos sombrios. Ela pondera sobre as múltiplas violências, incluindo os abusos sofridos por mulheres nas trincheiras, e critica a sociedade de forma abrangente. Esses pensamentos refletem sua consciência sobre a brutalidade do mundo e a fragilidade da vida, temas que permeiam suas reflexões sobre a finitude.

A protagonista busca incessantemente uma conexão amorosa com seu filho, que é representado pela flor:

quando um bebê nasce

uma Flor brota  
no peito e sai  
pelo leite da mãe.  
é assim  
que os bebês crescem  
se alimentando dessa  
flor invisível  
algumas pessoas  
chamam ela de  
amor.

procurei a tal  
  
no meu peito descampado

por nove  
meses e depois  
no hospital,  
(...)  
em casa,

com o menino no  
berço

e os anos passando,

procurei em cada canto

(nenhum sinal da Flor) (Bei, 2017, p. 64-66, grifo nosso)

A flor que brota no peito e se alimenta do leite materno simboliza o amor maternal, uma imagem poderosa que representa a nutrição e o vínculo emocional entre mãe e filho. No entanto, a protagonista relata que, apesar de procurar essa flor, não a encontrou. Essa ausência persistente do sentimento de amor desejado destaca um vazio emocional profundo e uma desconexão que ela não consegue superar. A enfermeira que atende a protagonista menciona que essa sensação pode ser explicada como “tristeza pós-parto” (Bei, 2017, p. 65), sugerindo que é uma condição temporária causada pelo estresse físico e emocional do parto. Contudo, conforme os anos passam, a protagonista continua a procurar a flor em vão, indicando que o vazio emocional que ela sente não é uma fase transitória, mas uma condição persistente. Tal metáfora torna-se uma representação poderosa do fracasso em atingir o ideal de maternidade que ela acredita ser necessário.

A imagem do “peito descampado” sugere não apenas uma ausência de amor, mas uma terra infértil onde nada pode crescer, reforçando a ideia de desespero e infertilidade emocional. A narrativa da protagonista, marcada por essa busca infrutífera e os pensamentos constantes sobre a morte e a violência, ilustra a complexidade de seu estado emocional. Em última análise,

a busca por essa flor reflete a profunda luta interna da protagonista, sua sensação de inadequação como mãe, e a melancolia que permeia sua existência.

Beauvoir (1980) examina como a sociedade impõe papéis específicos às mulheres como parte desse “Outro”, incluindo expectativas em relação ao casamento, maternidade e comportamentos considerados socialmente apropriados. Beauvoir destaca que a maternidade não é apenas uma experiência biológica, mas também uma construção social que pode ser usada para limitar as opções das mulheres e reforçar estereótipos de gênero.

Essa divisão interna é evidente na protagonista, que sente uma melancolia profunda em relação a si mesma. A maternidade, ao invés de ser uma fonte de alegria, se torna uma fonte constante de dor e desapontamento. A protagonista não encontra a “flor” do amor maternal e se vê constantemente em conflito com as expectativas sociais de ser uma mãe amorosa e presente.

De acordo com Freud, a melancolia pode ocorrer quando alguém perde um objeto amado, não necessariamente pela morte do objeto, mas pela perda do sentimento de amor associado a ele. Freud sugere que, em alguns casos, o indivíduo pode não perceber conscientemente o que perdeu, mas sente uma profunda e inexplicável melancolia. Ele afirma:

O objeto talvez não tenha realmente morrido, mas tenha sido perdido enquanto objeto de amor (...). Ainda em outros casos nos sentimos justificados em sustentar a crença de que uma perda dessa espécie ocorreu; não podemos ver claramente o que foi perdido, sendo de todo razoável supor que também o paciente não pode conscientemente perceber o que se perdeu. (...) mesmo que o paciente esteja cômico da perda que deu origem à sua melancolia, mas apenas no sentido de que sabe *quem* ele perdeu, mas não *o que* perdeu nesse alguém. (Freud, 1974, p. 277-278)

Aplicando essa teoria à protagonista, podemos entender que, de forma metafórica, a narradora sente a perda em duplicidade: a perda do controle sobre seu próprio corpo devido ao abuso que sofreu e a perda da capacidade de amar e se conectar com seu filho. Essa melancolia está simbolizada na imagem do “peito descampado”, incapaz de nutrir tal amor.

Nos capítulos seguintes “aos 28”, “aos 37” e “aos 48”, a narrativa explora como a relação entre mãe e filho se deteriora ao longo dos anos. Bete, uma vizinha que cuida de Lucas enquanto a protagonista trabalha, estabelece a conexão com a criança, que a protagonista sempre desejou, mas nunca conseguiu. Esse fato só intensifica o sentimento de isolamento e fracasso, fazendo com que a narradora se feche ainda mais em si mesma.

A violência sofrida pela protagonista se torna um fator crucial em sua incapacidade de estabelecer vínculos. Ela nunca revela o abuso a ninguém, temendo o julgamento e a distância que isso poderia causar. Esse silêncio a isola ainda mais de seus relacionamentos. Os traumas

da protagonista retornam repetidamente. A morte de Carla e de *seu* Luís, junto com a violência que sofreu, perpetuam seu sentimento de melancolia.

No capítulo “aos 37”, Lucas muda de estado para fazer faculdade. Nesse capítulo temos a narradora relembando diversos momentos do passado, como por exemplo a descoberta da morte de Bete, cujo o corpo foi encontrado por Lucas, simbolizando a perda de um elo vital que ajudava a manter a protagonista ligada a seu filho. Com a morte de Bete, a já frágil conexão entre mãe e filho, se deteriora ainda mais, tornando a aproximação entre eles cada vez mais difícil.

Lucas, em um momento de tentativa de reconectar, convida sua mãe para visitá-lo. Inicialmente, ela recusa, mas depois sente brotar no peito algo que descreve como um “feto da saudade” (Bei, 2017, p. 94) e decide visitá-lo. Durante o percurso da viagem, ela revisita mentalmente os traumas do passado, inclusive o episódio do tapa que deu em Lucas após descobrir que ele e seus amigos atiravam pedras em pássaros. Ela reflete sobre a violência, associando-a à mão de Pedro na sua cara, uma memória permanente de seu próprio abuso (Bei, 2017, p. 97), vendo a imagem do abusador no rosto do próprio filho. Ela se vê revivendo seu trauma através das ações de Lucas, o que aumentou ainda mais o abismo entre eles,

com os mais fortes abusando dos  
mais fracos e o pai do lucas  
dentro dele  
e o pai  
do lucas  
dentro de  
mim. (Bei, 2017, p. 85)

É ainda nesse fluxo de consciência que retornamos também, ao momento em que a protagonista relembra ao ser questionada por Lucas sobre quem é seu pai, ela revive ao seu trauma lembrando que teve seu filho, por não ser capaz de contar que foi abusada, a família ao descobrir a gravidez afirma, “-se foi mulher pra fazer vai ser mulher pra criar” (Bei, 2017, p. 100). Esta resposta encapsula a pressão social e o controle sobre o corpo feminino, especialmente no contexto da maternidade.

Federici (2023) oferece uma análise profunda sobre como a sociedade controla a fertilidade das mulheres como uma estratégia para a acumulação de capital, a regulamentação da reprodução feminina, muitas vezes em colaboração com a Igreja e o Estado, serviu para aumentar a força de trabalho. Este controle incluiu a criminalização da medicina tradicional e a perseguição de mulheres, vistas como bruxas, que simbolizavam uma ameaça à ordem patriarcal. A subjugação das mulheres e a imposição de normas rígidas sobre seus corpos não

eram apenas questões culturais ou religiosas. O corpo feminino, portanto, tornou-se um campo de batalha político, onde as lutas pelo controle da fertilidade e da autonomia eram centrais para a manutenção das estruturas de poder.

Essa dinâmica de controle é visível na narrativa da protagonista, ao incluir na narrativa a fala da família da personagem ao descobrir a gravidez, temos uma representação simbólica do controle que a sociedade exerce sobre a fertilidade das mulheres. A fala de seu pai reitera que a responsabilidade pela gravidez e pela criação de filhos recai exclusivamente sobre a mulher, independentemente das circunstâncias da concepção. Este controle sobre a fertilidade das mulheres, exercido através de normas sociais e expectativas familiares, serve para manter a subjugação feminina e limitar suas opções na vida. Tal declaração não apenas reflete uma mentalidade conservadora, mas também ilustra a forma como as mulheres são negadas de sua autonomia reprodutiva e forçadas a cumprir papéis predeterminados, independentemente de suas circunstâncias pessoais. A maternidade é, ainda hoje, uma peça essencial do poder que é exercido socialmente sob as mulheres.

Freud (1974) postula que a melancolia pode surgir da perda de um objeto de amor, que pode não estar necessariamente morto, mas perdido enquanto objeto de afeto. No caso da protagonista, o trauma de ser violentada e a subsequente gravidez forçada a confronto com uma perda significativa: a perda do controle sobre seu próprio corpo e, simbolicamente, sobre sua vida. Esta perda se torna um objeto melancólico, algo que ela não consegue identificar claramente, mas que a assombra continuamente. Ela sabe quem perdeu (seu próprio controle, sua autonomia), mas não consegue definir completamente o que perdeu nesse alguém (ela mesma como sujeito completo).

Ainda na viagem, ao parar em um posto e encontrar um cão grande e solitário, a protagonista oferece comida ao animal e reflete sobre a possibilidade de morrer pela boca desse bicho, pensamento que a leva de volta à memória da morte de Carla. Decidindo que a viagem surpresa para visitar seu filho não traria o reencontro que esperava, ela resolve voltar para casa, sentindo que ninguém estaria esperando por ela em Minas Gerais. Nesse momento, ela adota o cão e o nomeia Vento, remetendo à passagem anterior: “o amor era um vento” (Bei, 2017, p. 54).

A escolha do nome Vento para o cão é carregada de simbolismo. O vento é algo intangível, que pode ser sentido, mas não segurado, refletindo a natureza do amor que a protagonista sente: algo que ela deseja, mas que lhe escapa continuamente. A relação com o



cão representa uma tentativa de retomar o amor próprio e a capacidade de amar, mesmo que esse amor pareça fugaz e difícil de alcançar. O cão também carrega uma dualidade de sentimentos. Por um lado, o cão simboliza a lealdade e a companhia, algo que a protagonista anseia profundamente em sua vida solitária. Por outro lado, o cão também é uma lembrança dolorosa, pois um cão foi responsável pela morte de sua amiga Carla na infância. Esta dualidade reflete a complexidade de seus sentimentos em relação ao amor e às conexões humanas: desejadas, mas carregadas de medo e dor.

A relação de afeto que a protagonista desenvolve com Vento é marcada pela consciência da mortalidade. Um veterinário menciona que o cão já é idoso, e a protagonista reflete sobre como o tempo “sempre leva/ as nossas coisas preferidas no mundo” (Bei, 2017, p. 111). Esta reflexão sublinha a transitoriedade de todas as coisas que ela ama e valoriza. No entanto, em vez de ser paralisada pela inevitabilidade da perda, ela escolhe valorizar o tempo que tem com o cão, mostrando uma aceitação melancólica, mas também uma certa resiliência em face da impermanência. A adoção do cão Vento por parte da protagonista é um gesto profundo de busca por amor e conexão em um mundo marcado pela perda e pela dor. Este ato, embora pequeno, é uma tentativa significativa de encontrar significado e afeto em meio à melancolia que permeia sua vida.

“Aos 48”, a protagonista conhece Joana, noiva de Lucas, descobre que será avó e que o casal está de mudança para outro país, é então que ela percebe que a distância entre ela e seu filho se tornou intransponível, agora além de sentimental, fisicamente. Joana representa o abismo entre mãe e filho, a protagonista se sente ainda mais alienada. Mesmo ao tentar se aproximar, parece ser tarde demais. Ela reflete sobre sua falha em criar um vínculo materno. Sentindo que deixou de ser mãe, principalmente após o comentário infeliz sobre o nome do neto e a subsequente ruptura com Lucas, reforçam a ideia de que “o problema mesmo foi a falta/ também de amor” (Bei, 2017, p. 130), a falta que a narradora nunca conseguiu suprir.

### **O fim de si: “As chagas do abandono” (Bei, 2017, p. 104)**

“Aos 48”, ao final do capítulo, a narradora reflete sobre a deterioração de sua relação com seu filho Lucas. Ela sente que seu apartamento se tornou “(...) um lar improvável” (Bei, 2017, p. 128) expressando o vazio emocional que ela experiencia. Esse sentimento de vazio é projetado nas paredes da casa, representando o abismo emocional que se formou entre ela e seu

filho. A narradora percebe esse abismo como algo que se manifesta fisicamente na distância entre os cômodos, reforçando a ideia de que o espaço físico do apartamento agora espelha a desconexão emocional e a solidão que ela sente.

Nos capítulos seguintes intitulados “aos 49”, “aos 50” e “aos 52”, acompanhamos a protagonista em sua nova casa. Durante a mudança, ela sente um incômodo com o motorista, que demonstra interesse por ela. É significativo que, ao longo de toda a narrativa, não haja menção a relacionamentos românticos após o abuso sofrido na adolescência. Interpretamos essa falta como um reflexo do trauma que ela carrega, afetando profundamente sua vida sexual e sua capacidade de estabelecer novas conexões afetivas, sublinhando as cicatrizes emocionais deixadas pelo abuso, evidenciando o impacto duradouro do trauma em sua vida.

Durante o processo da mudança, a personagem reflete sobre como as coisas empacotadas parecem ser maiores do que quando estão expostas, trazendo uma dualidade de significados. Não se refere apenas aos objetos domésticos empacotados, mas também aos sentimentos reprimidos da protagonista. Considerando que ela nunca contou para ninguém sobre o abuso que sofreu, percebemos que essa reflexão aborda a natureza dos sentimentos não expressos. Quando reprimidos, esses sentimentos podem parecer maiores e mais opressivos do que realmente são, ampliados pela perspectiva interna da própria personagem. Assim, o ato de empacotar e transportar suas posses torna-se uma metáfora para o peso dos traumas emocionais que ela carrega em silêncio.

Ainda nessa passagem, a protagonista encontra o *deusinho* de seu Luís, uma imagem que simboliza sua fé e crenças. Esse momento, combinado com a mudança, indica que a personagem está começando a viver para si mesma, buscando sua própria felicidade e, de certa forma, recuperando sua fé na vida. No entanto, ela também é assaltada por memórias mórbidas ao lembrar do falecimento de seus pais. Assim, enquanto a mudança representa esperança e renovação, ela simultaneamente reflete sobre os vazios e perdas que permeiam sua vida. O retorno da fé é reforçado quando a personagem relembra sua infância, especificamente o ritual de receber a bênção dos pais antes de dormir. Ela retoma essa prática, agora compartilhando a oração com seu fiel companheiro, o cão Vento.

Durante a mudança, a protagonista também encontra uma redação que havia escrito na escola, intitulada “A cura não existe”. Este título, que reflete seu pessimismo e descrença do passado, contrasta fortemente com seu atual processo de cura. Ao terminar de ler a redação, a protagonista amassa o papel, simbolizando sua rejeição ao antigo sentimento de desesperança

e sua determinação em seguir em frente. Esse gesto representa um passo significativo em sua jornada de cura, ou pelo menos uma tentativa concreta de se curar.

Essa passagem ilustra a complexidade do estado emocional da protagonista, marcada por uma tensão entre o desejo de renovação e a persistência de antigas dores. A interação com objetos significativos do passado e a reflexão sobre suas experiências, revelam tanto o peso dos traumas reprimidos quanto a força de sua resiliência.

Descobrimos então que a protagonista se muda justamente para a casa onde havia jogado uma carta, que continuava intacta no jardim, em que continha todo o ocorrido e que ela acabou não entregando a seu filho Lucas, durante toda a narrativa, essa é a única passagem que a protagonista tenta contar sobre seu abuso.

A narradora descreve sua nova residência com certo orgulho e amor, admirando a beleza que agora estava disponível para ela e para o Vento, imaginando experiências positivas que poderia ter vivido, mas sempre retornando ao pensamento da morte, de maneira direta ou indireta. Carla, é relembrada de forma simbólica através do medo de borboletas da protagonista, “pra Carla não morrer em mim” (Bei, 2017, p. 142).

Ao chamar sua casa de “segundo céu” e ao deixar o *deusinho* de *seu* Luís em um lugar especial, a narrativa evidencia mais uma vez a volta de sua fé. Anteriormente, a imagem religiosa havia sido esquecida em uma caixa desde a morte do curandeiro na sua infância. Agora, ela está livre e exposta novamente, sinalizando uma reconexão com a espiritualidade.

Essa mudança e a nova casa simbolizam não apenas um novo começo, mas também a tentativa de reconciliação com o passado e de cura dos traumas. A carta intacta no jardim representa as verdades não ditas e os sentimentos reprimidos que a protagonista carrega consigo. Ao admirar sua nova moradia e integrá-la em sua vida com um sentido de sacralidade e esperança, ela demonstra uma complexa mescla de resignação e renovação. Mesmo com a persistente sombra da morte, há uma busca contínua por significado e redenção em meio às perdas e memórias dolorosas.

Em certos momentos, a narrativa adquire um ar místico que envolve a nova casa da protagonista. Há momentos em que parece que a casa possui uma consciência própria, como quando o disco da vitrola é virado sozinho ou a forma que o vento sopra sempre na mesma direção. Essa atmosfera mágica remete à infância da narradora, quando, após a morte de Carla, ela acreditava que o vazamento do banheiro da escola representava lágrimas de tristeza pela morte da amiga, que costumava ir ao banheiro molhar seus cabelos. Após a morte da

protagonista, o relato descreve que, mesmo depois de muitos anos e diversas tentativas de destruição, a casa nunca foi demolida. A passagem enfatiza a tenacidade da casa, como se tivesse vontade própria:

só a casa se manteve Viva e o proprietário nunca  
mais conseguiu alugar,  
além de velha morreu gente lá e deu no jornal.  
a casa ficou tão lápide  
que mesmo depois de 50 anos  
quando tentaram demoli-la pra construir um  
prédio importante  
não conseguiram.  
Explosões,  
guindastes e nem 1 tijolo  
mexeu.  
as pessoas sentiram Medo e  
Deixaram a casa em paz.  
(...) aquela casa estava disposta  
a ser a última  
do mundo  
e quando se quer muito alguma coisa,

bingo. (Bei, 2017, p. 160-161, grifo nosso)

A casa não é apenas um cenário físico, mas um espaço carregado de significado emocional e histórico. A resistência da casa contra as tentativas de demolição pode ser vista como uma metáfora para a resiliência da protagonista em face das adversidades e abusos que sofreu ao longo da vida. A mística em torno da casa também ressalta a dificuldade em se libertar do passado. Assim como a casa resiste às explosões e guindastes, a protagonista luta contra as memórias dolorosas e o impacto psicológico dos traumas.

Retomando a cronologia da narrativa, ao ir à feira “aos 52”, ela nos narra o prazer que sentia, lembrando sua infância. No entanto, como em toda a narrativa, no meio de seus pensamentos, a morte está sempre presente. Quando está voltando para casa, ela avista uma confusão e percebe que seu portão está aberto. É então que ela vê Vento, seu fiel companheiro, no asfalto. O peso da morte recai sobre seu corpo mais uma vez, e ela descreve:

meu corpo foi ficando um  
Chumbo  
foi ficando um  
túmulo de andar (...)  
soltei o meu  
pior  
grito (...)

e o rabo do Vento

parou (Bei, 2017, p. 153-154, grifo nosso)

É neste momento que a narradora se lança em uma espiral de profunda tristeza e desespero. Incapaz de lidar com essa perda, ela se isola completamente, abandonando todas as atividades diárias, parando de comer, desconecta o telefone, não usa mais a vitrola, não toma banho ou vai ao banheiro, sua vida se restringe ao sofá, onde ainda está o cheiro de Vento no couro. Incapaz de suportar até o passar das horas, vivendo no silêncio, sem se alimentar, vomitava de fome. Em um momento de crise de fé, ela joga o *deusinho* pela janela, quebrando-o, simbolizando sua descrença e desesperança.

A partir do momento em que a morte da protagonista é descrita, o ponto de vista da narrativa muda de uma narração em primeira pessoa, para uma narração observadora em terceira pessoa. Essa mudança de perspectiva é significativa. Durante a maior parte da narrativa, acompanhamos a protagonista por meio de seus próprios pensamentos e sentimentos, mergulhando em sua intimidade e vivenciando suas dores e angústias. No entanto, ao final, quando ela não pode mais contar sua própria história, um narrador externo assume essa função. Isso pode ser visto como uma metáfora poderosa para a condição da protagonista ao longo da vida: uma mulher cuja voz foi silenciada repetidamente pelas circunstâncias e pelas pessoas ao seu redor. A transição para um narrador observador após sua morte destaca a ideia de que, mesmo na morte, a protagonista não pode controlar completamente sua narrativa. Alguém mais toma o controle de sua história, refletindo o ciclo de silenciamento e isolamento que ela enfrentou.

Essa última tomada de voz pelo narrador observador pode ser interpretada como uma crítica ao modo como as histórias de muitas mulheres são frequentemente contadas por outros, em vez de serem narradas por elas mesmas, perpetuando o ciclo de silenciamento e apropriação de suas vozes.

ela caiu no sono.  
vomitou dormindo  
e não acordou.  
(...)  
O Vento estava em casa esperando e isso a deixou tão  
Feliz que ela não acordou, não pôde,  
Nem o gorfo conseguiu e então  
Nunca mais.  
a morte de engasgo foi muito feia, só a boca  
trabalhou e um pouco da barriga.  
os olhos fechados  
estavam no sonho do Vento não-morto, o corpo todo estava no sonho mas  
1 parte do peito  
Estava no lucas e no carlos  
eduardo. (Bei, 2017, p. 158)



Nesse ponto da narrativa, é como se a personagem desistisse da vida e realmente escolhesse a morte para reencontrar seu amigo. O objeto perdido, no caso o seu cão, é absorvido no próprio ego, ela então se aniquila por não conseguir controlar o sentimento de perda que a tanto a aflige, o fato de que a morte da protagonista não foi um ato deliberado de suicídio, mas sim uma rendição à dor e ao sofrimento que a consumiam. Ela deixa de lutar e desiste de si mesma, optando por não mais enfrentar as dificuldades da vida.

A dor sentida não é apenas a dor da morte de Vento, que de certa forma representava a esperança e expectativa de uma vida melhor, como uma perda isolada, mas sim a soma de todas as perdas que ela enfrentou ao longo da vida, tornando-se um fardo insuportável para carregar e ela se vê incapaz de lidar com o sentimento de perda que a aflige tão intensamente.

Freud (1974) compara o luto e a melancolia destacando que, no luto, é o mundo que se torna empobrecido e vazio para o indivíduo que sofre a perda, enquanto na melancolia, é o próprio ego que se empobrece, “o paciente mostra seu ego para nós como sendo desprovido de valor, incapaz de qualquer realização e moralmente desprezível, ele se repreende e se envilece, esperando ser expulso e punido” (Freud, 1974, p. 278). Ele se autocrítica e se rebaixa, indicando um processo de internalização da perda e das autorrecreminações que passam do objeto perdido para o próprio ego. Freud enfatiza que o paciente melancólico se encontra, de fato, “tão desinteressado e tão incapaz de amor e de realização quanto afirma” (Freud, 1974, p. 278).

O melancólico não apenas se critica, mas também se difama de maneira implacável. Nesse estado, ocorre uma perda total do “amor-próprio e deve ter havido boas razões para tanto” (Freud, 1974, p. 279). No entanto, por trás dessa autodepreciação, pode haver uma reclamação oculta direcionada a outra pessoa, disfarçada na forma de auto difamação. Nesse processo, “uma parte do ego se coloca contra a outra, julga-a criticamente, e, por assim dizer, toma-a como seu objeto” (Freud, 1974, p. 280).

Os traços mentais distintivos da melancolia são um desânimo profundamente penoso, a cessação de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade, e uma diminuição dos sentimentos de autoestima a ponto de encontrar expressão em autorrecreminação e auto envelhecimento, culminando numa expectativa delirante de punição (Freud, 1974, p. 276).

Essa perturbação e autorrecreminação são claramente evidenciadas nos trechos analisados. Para Freud (1974, p. 283, 289), “na melancolia, a relação com o objeto não é simples; ela é complicada pelo conflito devido a uma ambivalência”. Essa ambivalência pode ser constitucional, ou seja, um elemento de toda relação amorosa formada por um ego específico, ou pode surgir das experiências que envolveram a ameaça da perda do objeto. Além

disso, na melancolia, a própria pessoa enlutada sente-se culpada pela perda do objeto amado, acreditando que ela mesma desejou essa perda. Esse comportamento é evidente na protagonista, que se entrega a uma profunda autoavaliação negativa e à desistência de viver.

A forma como a personagem morre, através do vômito, nos remete ao momento do seu abuso, no qual também está presente. O vômito pode simbolicamente representar uma purgação, tanto física quanto emocional, como uma tentativa de expulsar algo que é sentido como tóxico ou avassalador. Nesse contexto, a reação pode ser interpretada como uma expressão física do trauma e da angústia emocional que a personagem carrega consigo. Assim como no momento do seu abuso, onde o vômito pode ter sido uma reação física ao evento traumático, aqui, na sua morte, pode representar uma tentativa de expurgar o sofrimento que a acompanhou por tanto tempo. É como se ela estivesse tentando libertar-se da dor insuportável que a assombrou ao longo da vida, mas, infelizmente, essa tentativa culmina em sua morte, engasgada com aquilo que ela guardou durante toda sua vida. Essa conexão entre os dois momentos ressalta a profundidade das marcas deixadas na vida da personagem até seu fim.

No “póstumo”, Lucas vem à São Paulo e visita o túmulo de sua mãe, onde lê o epitáfio “a cura não existe” na lápide, sugerindo que, para ela, não havia solução para suas dores e angústias. Um homem misterioso se aproxima com um buquê, e Lucas sente uma curiosidade sobre quem ele é, mas essa pergunta permanece sem resposta, simbolizando as muitas questões não resolvidas e as ausências que marcam a vida da protagonista e a relação entre mãe e filho. A falta de resposta sobre a identidade do homem misterioso adiciona um elemento de ambiguidade ao final da história, deixando o leitor questionando e refletindo sobre o significado desse encontro e sobre o destino da protagonista após sua morte.

### Considerações Finais

O objetivo deste artigo foi realizar uma análise da obra *O Peso do Pássaro Morto* (2017) de Aline Bei, com foco no impacto das perdas vivenciadas pela protagonista/narradora na construção de sua identidade ao longo da narrativa. A obra explora temas como luto, abuso, maternidade e solidão, refletindo as complexidades da vida das mulheres e as pressões sociais que enfrentam. A narrativa não romantiza essas experiências, mas as apresenta de forma crua e sincera, permitindo uma reflexão mais profunda sobre a condição feminina. Os traumas vividos, especialmente o abuso, têm um impacto duradouro na vida da protagonista, afetando sua

capacidade de estabelecer novas conexões afetivas e influenciando todos os âmbitos de sua vida, trazendo uma perspectiva melancólico sobre sua existência.

Essa análise é enriquecida pela aplicação da teoria psicanalítica de Freud (1974), que ajuda a entender as dimensões emocionais e psicológicas do luto e da melancolia. A pesquisa também se relaciona com teorias feministas, como as de Simone de Beauvoir (1980) e Silvia Federici (2023), que são relevantes para a compreensão das dinâmicas de poder e opressão que permeiam a experiência feminina. Isso contribui para uma análise crítica das normas de gênero e das expectativas sociais que moldam a vida das mulheres, relacionando tais perdas ao papel do feminino e à mulher contemporânea retratada na obra.

A escrita de Bei traz para a narrativa uma sensação de informalidade, fazendo com que o leitor entre nesse fluxo de pensamentos e acontecimentos quase em uma fusão com a narradora, contemplando o silêncio e a solidão nos espaços vazios, mas também a confusão e os conflitos de sentimentos dentro da cabeça de alguém que passou por várias perdas. A escolha estilística da autora, que inclui uma prosa poética e fragmentada, reflete a urgência da protagonista em comunicar suas experiências e traumas, criando uma conexão emocional com o leitor.

Em suma, o artigo contribui para uma compreensão mais rica das narrativas femininas na literatura contemporânea, destacando a fragilidade, resiliência e opressão vivenciadas pelas mulheres. Enfatiza a importância de ouvir as múltiplas vozes e experiências e abre portas para estudos mais profundos sobre personagens femininas e suas representações na literatura.

## REFERÊNCIAS

ANA e os lobos. Direção: Carlos Saura. Produção de Elías Querejeta Producciones Cinematográficas S.L. Espanha, 1973.

BEI, Aline. **Companhia das Letras**. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/colaborador/07092/aline-bei>. Acesso em: 22 de maio de 2024.

BEI, Aline. **O peso do pássaro morto**. 1ª edição. São Paulo: Editora Nós, 2017.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**: 1. Fatos e mitos. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1980.

ESTEVES, Natacha dos Santos; COQUEIRO, Wilma dos Santos. “A Cura Não Existe”: Depressão, melancolia e suicídio no romance *O Peso Do Pássaro Morto*, De Aline Bei. **Humanidades & Inovação**, v.7, n.17, p. 107-116. Disponível em:

<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/3829>. Acesso em: 19 de maio de 2024.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. 2ª edição. São Paulo: Editora Elefante, 2023.

FREUD, Sigmund. Luto e Melancolia. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud – Volume XIV (1914 – 1916): A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA, 1974, p. 275-291.